

RESENHAS

*BOOK REVIEWS*

*Reseñas*

**Essência e personalidade – Elementos de psicologia relacional***Essence and personality – Elements of relational psychology**Esencia y personalidad – Elementos de la psicología relacional***Cybele Maria Rabelo Ramalho**

PROFINT – Profissionais Integrados

e-mail: contato@profint.com.br

Fonseca, J. (2018). *Essência e personalidade – Elementos de psicologia relacional*. São Paulo: Ágora.

A princípio, apenas pelo título, o leitor desinformado pode se perguntar se o livro trata de uma psicologia tradicional da personalidade, do ego, do desenvolvimento linear e horizontal, fechado em uma essência bem definida, bastante criticada pelas correntes contemporâneas. No entanto, seu subtítulo (elementos de psicologia relacional), nos leva a outra direção. Trata-se da proposta de uma psicologia que visa ser integral, cuja linha horizontal corresponde à persona; enquanto que a linha vertical corresponde a uma essência mutante, espontâneo-criadora. Persona e essência que se relacionam e se constituem com o macrocosmo, se expressando através de papéis, num processo relacional de cocriação. Assim, adentramos no território inovador de José Fonseca, que nos convida para o acompanharmos numa jornada de 14 capítulos.

O livro tem por objetivo buscar uma composição teórica que contemple uma linguagem relacional psicodinâmica e psicopatológica. Toma por base a filosofia relacional moreniana e dialoga com outros autores presentes na sua formação profissional, especialmente Buber, Lacan, Wilber e Spinoza. Dois terços do livro se referem à obra

moreniana e pós-moreniana, e o terço final se refere às memórias do autor quanto ao movimento psicodramático.

O capítulo 1, “Essência e personalidade: linhas e entrelinhas de Moreno”, me chamou mais a atenção. O autor faz uma releitura da teoria moreniana baseada em outras epistemologias, o resultado de um longo tempo de questionamentos fora da área estritamente psi, dialogando com a Física, a Química, a Filosofia e a Literatura. Sua pesquisa visa fundamentar e estabelecer paralelos com outras fontes de conhecimento, que só enaltecem a genialidade de J. L. Moreno. Assim, o autor inicia percorrendo o movimento evolutivo cósmico para, no seu caminho, encontrar similaridades com conceitos morenianos, tais como conserva, espontaneidade-criatividade, filosofia do momento, tele e encontro. A visão moreniana de homem enquanto um ser cósmico em sua origem, provido de essências ou potências espontâneo-criativas (ou de um a matriz espontâneo-criadora na essência cósmica humana), é extensamente ampliada em paralelos teóricos. Assim como uma noção relacional de personalidade, entendida como uma máscara dinâmica que recobre a essência espontâneo-criadora, e que inclui uma “pele” biopsicossocial. Estabelece relações interessantes entre dinâmica relacional e energia, entre fluxo e espontaneidade, para aprofundar a compreensão de trechos do livro “As Palavras do Pai”, onde a microessência humana dialoga com a macroessência divina. Assim, também aproveita para ampliar a compreensão dos fenômenos télico-transferenciais. Este capítulo é particularmente provocativo, estimulando o leitor para novas releituras da obra moreniana.

No capítulo 2, “Moreno e Spinoza: aproximações cabalísticas”, Fonseca discorre sobre as similaridades no pensamento dos dois autores judeus sefaraditas, supostamente influenciados pela Cabala, principalmente no que se refere às questões de Deus, do conhecimento, da liberdade, da ação e da alegria. Ambos, como universalistas, defenderam um Deus-Natureza, imanente e espontâneo criativo, valorizando a ação e a alegria com criatividade.

No capítulo 3, o autor descreve a luta de Moreno por inclusão social, detalhando na sua história de vida como esta exclusão e gradativa inclusão seu deu. Pois na sua sociometria, assim como no seu trabalho psiquiátrico e psicoterápico, ao tentar incluir o oprimido, se sentia mais incluído. Destaca que as manifestações da dor da exclusão social serviram de inspiração para Moreno criar instrumentos variados de ajuda a pobres, prostitutas, refugiados, prisioneiros e doentes mentais. Este capítulo alerta os psicodramatistas contemporâneos para passarem de uma consciência ingênua a uma consciência crítica, na busca de novas possibilidades de inclusão, para atingirmos uma possível transformação da nossa realidade social tão carente.

No capítulo 4, “Verdades relativas e os paradigmas científicos”, Fonseca analisa os quatro quadrantes do paradigma científico de Keneth Wilber (interior/exterior, individual/grupal), correlacionando-os a conceitos morenianos e de Martin Buber. Considerando cada quadrante como verdades relativas, analisa a entrada da obra moreniana nos quatro quadrantes, em função da sua amplitude. Situando, por exemplo, no quadrante do “individual-dentro, Eu-Tu”, o Psicodrama clínico e a sociodinâmica, no quadrante “grupal-dentro, nós-vós”.

No capítulo 5, “Teatro Psicodrama” o autor relata uma experiência na interface do teatro clássico e do espontâneo. Descreve a experiência de um aquecimento teatral magistral da plateia, onde estão três personagens históricos (Freud, Moreno e Dora). Deixa para o leitor uma descrição detalhada de um bom trabalho a ser realizado dentro desta perspectiva do “Teatro-Psicodrama”.

No capítulo 6, “Pílulas Psicodramáticas”, Fonseca nos presenteia com pequenos trechos de Prefácios seus, escritos em livros de outros autores. Considero estes trechos verdadeiramente como “pérolas”, em especial a que trata da influência de Jesus Cristo na obra de Moreno. Destaca-se neste capítulo a descrição da história do GEM – Grupo de Estudos Morenianos (1992-2014), que se tornou ao longo do tempo um laboratório de ideias e de experimentações psicodramáticas, formado por um grupo considerável de psicodramatistas paulistas, que se reuniam no Daimon, sob a coordenação do autor. Este grupo gestou novos trabalhos, reflexões e publicações inovadoras. Ao finalizar este capítulo tão variado, o autor trata sobre ciência e arte quase poeticamente, trazendo como, no Psicodrama, o inconsciente se revela na dramatização, *locus* onde a beleza e a verdade enfim, se encontram, no momento em que um fragmento de liberdade aprisionada se liberta.

Inicia a segunda parte do livro (dos Escritos Pós-Morenianos) com o capítulo 7, relatando as intersecções entre J. Lacan e J. L. Moreno. Identificando-se com a Psicologia Relacional, o autor encontrou também em Lacan algumas respostas às suas indagações sobre a matriz de identidade, desenvolvida por Moreno. Apresentando a linguagem relacional e as possíveis interações entre estes dois autores, destaca o momento do reconhecimento do ele, no estado de triangulação (após o reconhecimento do eu e do tu). Retoma aspectos da teoria da matriz de identidade que ele desenvolveu (1980), inspirado em Moreno, ampliando-a: 1. Momento de fusão (vivência cósmica); 2. Momento do espelho (reconhecimento do eu); 3. Momento eu-tu (função materna); 4. Momento eu-tu-ele (função paterna); 5. Momento eu-meus iguais (função fraterna); 6. Momento eu-nós (circularização).

No capítulo 8 encontramos o mais longo dos textos, sobre “Matriz de identidade e estruturas clínicas”, em grande parte fruto das reflexões do Grupo de Estudos de Psicodinâmica (GEP), que se reúne no Daimon. Envereda pela corrente psicanalítica e em especial, na gramática lacaniana, para uma releitura da matriz de identidade. Detalha em especial sobre o estado da triangulação, e descreve as estruturas psicológicas que daí decorrem: as trianguladas (fechadas, que desenvolvem a função simbólica: as normoses/neuroses e atuações); e as não trianguladas (abertas, que não desenvolvem tal função: as psicoses). O autor faz uma boa distinção da graduação entre o normótico e o neurótico, onde o primeiro possui preservada a fluência espontâneo-criativa e o segundo, por sua vez, já apresenta sofrimento, sintomas.

No capítulo 9, Fonseca vai debater o medo e a esperança e suas vicissitudes no indivíduo, grupo e sociedade. Vincula as marcas do aprendizado da relação (ansiedade-esperança, prazer) e da separação (medo, raiva, depressão) como delimitadoras da personalidade em formação, assim como para desenvolver reações em grupos e sociedades. Referenciado pelos trabalhos de Bion e de Schutz, o autor apresenta também sua denominação de momentos grupais, baseado na matriz de identidade (indiferenciação, reconhecimento grupal, triangulação e circularização). Comenta o tema do sofrimento ético-político e a felicidade pública à luz de autores como Spinoza, em especial na análise do medo em sua dimensão social.

No capítulo 10, apresenta um resumo da sua abordagem psicoterápica, titulada como psicoterapia da relação, já apresentada em publicações anteriores. Apresenta-a como um psicodrama minimalista, que tenta simplificar e reduzir seus elementos, para atingir o objetivo de adequar as técnicas grupais clássicas à abordagem bipessoal, sem egos auxiliares. Descreve como se desenvolve a ação dramática de uma sessão sem a montagem de cenas, onde o diretor é também ego auxiliar, assim como seu ágil e criativo instrumental técnico (vídeo tape, duplo-espelho e psicodrama interno).

Finalmente adentramos na terceira parte do livro, que inicialmente nos remete à história do psicodrama, às memórias de Beacon (capítulo 11) e às memórias do IAGP (capítulo 12), onde relata as suas pesquisas e vivências. Nos capítulos finais se dedica à história do psicodrama no Brasil, partindo da sua experiência de pioneiro, revelando-nos detalhes importantes dos bastidores. Para nós, psicodramatistas de gerações mais jovens, estes relatos são um belo e necessário resgate. Suas reminiscências psicodramáticas são de grande importância para preencher lacunas no pensamento dos jovens psicodramatistas em formação.

Em considerações finais, finalizo esta resenha com o prazer de testemunhar o relato de um profissional experiente, que coloca suas inquietações e questionamentos profissionais como um livro aberto, que se expõe gentilmente, com humildade, para o leitor. Para ser lido, criticado, *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 26, n. 1, 156-160, 2018

questionado, debatido, ignorado ou aplaudido. Doa para nós, corajosamente, as marcas das suas idas e vindas teóricas, que envolvem relações e separações dentro do próprio movimento psicodramático.

Este livro é um testemunho-síntese do longo percurso deste mestre pelo território vasto do Psicodrama, onde se coloca como um continuador de Moreno por seguir o seu fluxo criativo essencial, porém repensando-o, aproximando-o de outros autores. Finaliza o seu percurso com um olhar amplificado, um olhar que é ao mesmo tempo para dentro e para fora, utilizando analogias valiosas perante conceitos teóricos do psicodrama. Diante de suas buscas, o leitor amplia sua consciência e ainda se entusiasma com suas criações técnicas heterodoxas.

O livro exala o caráter ponderado do autor, que não se situa nem de um lado nem do outro da margem; mas entre a experiência (sabedoria dos que já construíram muitas pontes, idas e vindas) e a inovação (eterna-juventude, na busca da reconstrução de saberes). Na sua singular travessia, José Fonseca seguiu como nos indicou o Guimarães Rosa, no seu livro *Grande Sertão: Veredas* (1956, p. 59), ao afirmar: “O mais difícil não é um ser bom e proceder honesto; dificultoso mesmo, é um saber definido o que quer, e ter o poder de ir até o rabo da palavra”. Fico aqui nas terras do cacique Serigy, apenas matutando: com sua busca minimalista, foi este mesmo o rabo buscado...

## REFERÊNCIA

Guimarães Rosa, J. (1956). *Grande Sertão: Veredas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.

Recebido: 30/05/2018

Aceito: 13/06/2018

**Cybele Maria Rabelo Ramalho.** Psicóloga. Psicodramatista didata-supervisora. Diretora da federada PROFINT – Profissionais Integrados Ltda. Professora da Universidade Federal de Sergipe.